

PERA, UVA, MAÇÃ OU SALADA MISTA?

O *bzzz* acorda o quarto silencioso. A mensagem de Pipa desliza pela tela:

Bia kd você?

Na cama, no escuro, olhando o halo luminoso que rodeia a luz do poste—é aqui que estou. Ouvindo as gotas de chuva estalarem no vidro como lantejoulas douradas.

Levo desanimada o celular ao rosto e teclro de volta:

Quase dormindo.

Pipa:

????

Há anos minha animação está condicionada ao som do bar tocando na esquina, ao burburinho de gente e às risadas dos veranistas—sons que compuseram por toda a vida a trilha sonora da primeira quinzena de janeiro. Agora que a temporada se foi, só ouço a chuva e o mar batendo na praia. *A marcha fúnebre do resto do ano.*

Venha para cá AGORA.

Apoio o corpo sobre o cotovelo, a claridade da tela azulando o quarto:

Está chovendo, Pipa.

Por que diabos Pipa resolveu organizar um luau justo hoje? Não me pareceu ofensivo negar, já que luaus em dias de chuva quase nunca vingam.

Está tudo fechado desse lado da praia.

Aguardo sua mensagem de voz baixar.

Ao apertar o play, a voz de Pipa ecoa através da casa silenciosa: —Bia, levanta esse traseiro da cama e vem para cá agora! E isso é uma ordem. Você não faz ideia de quem está aqui.

Meus dedos digitam em velocidade pouco natural:

Quem?

A resposta dela muda não apenas o curso da noite, mas o da minha vida inteira:

O verão de 2014 está de volta!! 😊

Eu aguardo uma resposta, não um terremoto — por que o corpo sente isso, a terra tremer. No coração acende uma fagulha adormecida há meses.

Salto da cama e visto um vestido qualquer. Calço as sandálias e dou uma última olhada no espelho do banheiro. Os cabelos compridos e ligeiramente maltratados do verão clareiam sob a luz amarela, e a vermelhidão que ondula sobre o nariz cheio de sardas prova que o sol bateu ponto durante a temporada. Passo gloss. Fui.

Corro pelas ruas silenciosas ouvindo o barulho da sandália respingar a água das poças. O coração esmurra enlouquecido as paredes do peito.

Por uma temporada inteira o coração foi uma daquelas varetas de aniversário que soltam faíscas e não se apagam nunca, rojões encarcerados em uma jarra de vidro. Essa luz iluminava os dias e clareava noites. Queimou durante todo o ano à espera do seu retorno.

Mas vieram as férias e Alex não apareceu.

Embaçado na visão periférica vão ficando para trás fileiras inteiras de casas escuras e silenciosas, agora que os veranistas voltaram para casa. Uma pizzaria cujo letreiro perdeu o *P*, a sorveteria que fechou para abrir em outro lugar. Sobre a cabeça um semáforo que pisca, desativado. A cidade me lembra a lenda daquela donzela que acorda apenas quando recebe uma vez por ano o beijo do sol.

Chego à pensão de Pipa minutos depois. Meu coração é um canteiro de obras, agitado e caótico. No quintal do casarão, meninas e meninos rodeiam uma fogueira que crepita alta.

A respiração entra perfumada. Fumaça, grama, terra úmida. Dou um passo tímido em direção ao grupo, arrumando o cabelo atrás da orelha. A sandália molhada range sob a sola.

Eu não sei sequer se seu nome vem de *Alexandre*.

Talvez seja Alexis, ou Alexandro. Não sei se é rico ou pobre, se tira notas altas na escola, o que quer ser quando crescer. Minha paixão por ele foi daquelas que deixa adultos curiosos, sem entender o que queima tão vivo dentro do peito. *Nada é igual depois que crescemos, Bia*, disse minha mãe. *Mais tarde queremos saber exatamente sobre essas coisas. Sobrenome, status, se é amor-furada ou amor-investimento.*

Só quem fica para trás sabe da solidão quando amores se vão. O mundo girou para os outros, mas para mim ele parou de fluir.

Mais um passo e eu o vejo.

O garoto que me apresentou a paixão que parecia ter energia para queimar para sempre. Intensa e incandescente, como as próprias estrelas.

Alex.

Um anjo loiro que viveu um número sem fim de histórias de amor em meus sonhos. Comigo ele foi soldado, rei, ator, músico, ladrão. Ou apenas um garoto deitado ao meu lado na praia.

Pipa me recebe com um abraço. Sobre seus ombros vejo os olhos reluzentes de Alex.

— O que ele está fazendo aqui? Eu cochicho em seu ouvido.

— Não sei.

— Por que agora, e não durante o verão?

— Que sorte que ele está logo ali para responder.

Eu tento me soltar, mas ela não me larga.

— Espera. Não deu tempo de te contar, mas tem *mais alguém* aqui.

Antes que ela me solte de vez eu sei quem está ali.

É estranho que Pipa não precise falar muito para me dizer tudo. *Verão de 2014* é auto-explicativo, uma memória luminosa e fascinante. *Mais alguém*, por outro lado, me causa arrepios. Me lembra olhos perfurantes, sorrisos endiabrados e um beijo roubado anos atrás.

Eric, o garoto que aterrorizou a minha infância.

Quando Pipa me solta Alex já se virou para outro lado. Eu afasto o cabelo do rosto, abraço as amigas que me recebem na grama.

Alex se ajoelha em frente à fogueira. Mexe nas toras que rolam e se ajeitam, soltando faíscas.

E simples assim, como se acionado pelas centelhas, meu coração volta a ser a entidade incandescente de janeiro passado.

Todos aguardam aquele reencontro. Eu fui a garota invejada por todas naquele verão. A que viveu um sonho e que guardou histórias que enfeitaram a vida sem cor durante todo o ano.

É estranho pensar nisso mais tarde, quando é tão simples dizer *oi*, mas não tenho coragem de me aproximar. Sei que pelo resto da vida esse medo vai desaparecer, mas aproximar-se de garotos no momento tem o grau de dificuldade de escalar o Everest. Eu sou a menina que ainda não sabe tomar essa decisão.

Ele se levanta e limpa as mãos na calça. Sua figura está nítida contra o contorno difuso do fundo, incrivelmente belo em contraste com os pontos de luz fora de foco. *Efeito Alex*.

Sento na cadeira de praia. Pipa se espreguiça ao meu lado, estalando as costas como quem não quer nada.

— Alex? — Ela o chama.

Seu nome chama a atenção de outro par de olhos. Olhos escuros e sempre à espreita, que sempre me seguem em silêncio.

Tento me concentrar em Alex, mas Eric rouba minha concentração. Enquanto Alex evoca a imagem do sol, Eric me lembra o oposto: luas minguando em céus escuros.

O dedo de Pipa se curva para Alex, e ele vem.

— Senta aí — ela diz.

Ela nos deixa para trás a tempo de perder a vermelhidão que toma nossas bochechas.

Alex se senta.

— Oi — diz com um sorriso tímido.

— Oi — eu o cumprimento de novo, quase um ano depois.

Ambos olhamos para frente, duros de vergonha. A cumplicidade do final de janeiro passado não está mais ali. Parece ter se diluído no espaço, no tempo. Eu me pergunto para onde essas coisas que parecem tão reais vão. Se pairam por aí, como a semente de dente-de-leão ou se e colam em outras pessoas e vão embora.

— Quanto tempo — eu arrisco um sorriso.

— Eu sei — Ele devolve. — Como foi seu ano?

Seu sorriso continua o mesmo, um rasgo de luz no meio do rosto dos sonhos.

— Foi bom.

— Passou direto?

— Passei. Você?

— Também.

Silêncio.

Aguardo que ele fale primeiro *senti sua falta*. A frase rola na minha língua querendo sair, mas não sai.

É tão mais fácil falar *eu também*.

Diga, Alex. Fale que sentiu metade da falta que me fez.

Mas Alex não fala. Ele continua a brincar com o cadarço do tênis, tão distante quanto outra galáxia.

— Você vai ficar por aí? — Pergunta.

Balanço a cabeça que sim.

Ele se levanta olhando ao redor. — Vou pegar alguma coisa para beber e já volto.

— Estarei aqui.

Olho-o se distanciar, sumindo na casa.

Algo pastoso se remexe no estômago. Alguma coisa pesada e oleosa.

Pipa às vezes olha para mim e acena, sem estranhar que Alex não está mais do meu lado. Eu não o procuro ao redor, eu tento apenas acalmar a respiração.

Calma, Bia.

Mais à frente, me observando com uma bebida na mão, está Eric.

Olho para o lado, constrangida.

Se fôssemos mais novos ele certamente estaria rindo de mim. Ou me olharia com aqueles olhos aguçados, pronto para soltar algum comentário afiado. Nunca errou um único comentário, o danado. Não é normal que garotos rebeldes saibam tanto sobre o que se passa em nós.

Pipa deixa a menina com quem conversa e anda até a mim.

— Onde está Alex?

— Disse que ia buscar uma bebida.

Seu dedo cutuca o meio da minha testa: — E por que você está com esse risco entre as sobrancelhas?

— Não é nada.

Por enquanto.

Não quero transformar o que estou sentindo em palavras. Eu sei que elas rodopiam ao redor, aguardando o momento de darem nome à situação, mas no momento presencio uma cena estranha. Assisto algo dentro de mim ruir; um castelo bonito de areia sendo engolido por uma onda alta.

— Quer que eu pegue uma bebida para você? — Pipa pergunta adicionando: — Ou Alex está trazendo?

Balanço a cabeça que não, olhando para minhas sandálias surradas. *Ele não perguntou o que eu queria.*

— Estou bem. Não quero nada.

Pipa sai em direção à cozinha. Eu continuo olhando a fogueira, sem espantar uma sensação nova de inquietação.

De suspeita.

Meia hora depois, Alex ainda não voltou.

— Ele foi embora? — Pipa pergunta olhando ao redor.

Eu não respondo. A essas alturas sei que Alex não vai voltar. Não precisei de trinta minutos para entender que minha perturbação era, na verdade, um agouro. Que minha cabeça afogada em lembranças não viu o que meu coração sacou na hora.

— Mas como pode? O que ele viria fazer aqui senão ver você?

Agora que ela diz isso, penso em como nunca peguei seu telefone, ou o encontrei na internet. Como passei um ano inteiro procurando uma miragem.

— Isso está muito estranho — diz Pipa marchando para a casa.

Ela coloca as mãos no balcão da cozinha e aborda a turma que bebe ao redor do isopor: — Onde está o menino loiro que chegou aqui agora à pouco?

Os três rapazes nos olham como se não nos ouvissem direito. — Que menino?

Pipa rosna alguma coisa e olha para a turma ao redor da fogueira.

Conta cabeças, estreita os olhos.

Em seguida dispara casa adentro.

Eu corro para alcançá-la.

— O que foi, Pipa?

— Isso não está certo — ela repete balançando a cabeça como se visse algo que eu não consigo ver ainda.

— Deixe isso para lá, Pipa.

Pipa não deixa. — Alex não foi embora, a mochila dele ainda está ali! — ela aponta para um canto.

Olho para a mochila, em seguida para a pensão vazia. Abraço o corpo com meus próprios braços, na falta de outro suporte.

As estrelas mais quentes são aquelas que morrem mais cedo.

— Se ele não está com você, com quem...

Pipa acorda no mesmo instante que eu.

Andamos pelo enorme corredor abrindo portas e enfiando o rosto nos cômodos escuros.

Banheiro: vazio.

Roupeiro: vazio.

Escritório: vazio.

Então finalmente, um quarto.

Pipa abaixa a maçaneta, e a porta não abre.

Por um tempo ela permanece assim, com as mãos no metal frio. Eu travo a mandíbula com tanta força que não noto parte dos lábios no caminho dos dentes. Sinto a dor pungente seguida do gosto de ferro e levo a mão ao machucado. A dor da mordida nem de perto se compara à que se espalha por mim.

— Não precisa chamar — murmuro.

Eu sei quem está ali.

Eu não preciso da visão da realidade para senti-la; o mundo sempre colidiu muito bem contra minha pele. Não me interessa com quem Alex está, só o fato que escolheu não estar comigo.

Embora tenha pedido para ela deixar isso para lá, Pipa faz exatamente o contrário. Ela mexe tantas vezes na maçaneta que acho que tenta intencionalmente quebrá-la.

Lá dentro, uma voz conhecida responde: — Pipa?

Eu pego o ar, sem notar que estava segurando-o.

Pipa encosta a testa na porta, sem acreditar.

— Laura?

— Er...estamos...estou trocando de roupa.

— Sozinha?

Alguns segundos depois, a resposta.

— Não.

Pipa olha para mim. *Sinto muito*, ela murmura sem soltar as palavras.

Laura — minha-amiga-de-infância-Laura — não está sozinha naquele quarto, e não precisa responder quem está lá ao seu lado para eu saber.

Mas como?

Por mais incrível que pareça, Pipa está mais chateada que eu. Porque eu, por mais estranho que pareça, não aparento sentir nada.

Estou em choque, esperando que algo em mim se mobilize e mova minhas pernas para longe dali.

— Por que, Laura? — Pipa praticamente mia.

Se Laura responde, não fico para ouvi-la.

Corro pelo quintal, atravesso o portão e cruzo a rua sem ver nada. Os olhos marejados borram a paisagem. Os pés afundam na areia úmida e fria da praia. À frente, o mar escuro explode em ondas brancas.

As barracas que fervilharam de gente durante a temporada estão vazias. Desabo no chão de cimento ao lado de cadeiras fechadas e cartazes de cerveja desbotados. As lágrimas descem pelo rosto como um fio de gel, brilhosas e constantes. Enxugo-as às vezes com as costas das mãos, ou deixo apenas que pinguem.

Não sei quanto tempo fico ali. Fico até que o vento seja insuportável e reúna coragem para encarar meu quarto.

Assim que coloco as mãos no chão para me levantar, vejo a brasa de um cigarro na periferia da visão.

Quase perco o equilíbrio. Na penumbra, encontro os olhos de Eric.

— Eric?

Passo as costas das mãos sob os olhos para limpar a umidade, mortificada.

Eric não se move. Não fala, não se desculpa. Apenas me olha por entre a fumaça com olhos atentos e quietos.

— Você poderia ter dito que estava aqui — Tento acalmar as mãos, mas elas ainda tremem do susto.

Ele abaixa o cigarro, bate-o dentro do maço vazio. Sua calma é o oposto da tempestade sob a minha pele.

— Não vai dizer nada? — Pergunto irritada.

Seu olhar congela meus ossos.

Bato a areia do vestido, tento tirar afobada o excesso da sandália. — Não deveria fumar, faz mal a saúde—digo com mais malícia que a frase pede. Essa é a grande maneira que acho para me vingar do seu silêncio e da cena que testemunhou.

Brilhante, Bia.

— Eu sei.

Não sei porque me assusto ao ouvir sua voz. Não me lembro exatamente quando foi a última vez que a ouvi—talvez anos atrás—mas não tinha ideia de que era

tão grave e suave. Ela destoa tanto da grosseria que esperava que perco por uns instantes a reação.

Ele dá mais um trago no cigarro, pousando a mão sobre a calça jeans que mostra um rasgo no joelho. O que está pensando eu não sei, mas meu constrangimento é um recado involuntário: *seja lá o que ele pensa, eu devo me importar. Do contrário, por que me constrangeria?*

— Se sabe que cigarro faz mal, por que fuma, então?—Eu cruzo os braços.

— Não sei. Por que você está sempre no mundo da lua?

Eu exalo, fingidamente aliviada.

— Já estava achando que não era você aqui. Mas agora que foi sarcástico reconheci você. E no mais, não estou sempre no mundo da lua.

Ele não diz nada, e isso me irrita mais do que se ele tivesse dito.

— Essa é uma comparação ridícula. Eu não vivo no mundo da lua, eu...sonho.
— E por que você sonha?

— Porque sonhar é bom.

— Fumar também.

— Sonhar não mata.

Seus olhos brilham como cascas de um besouro: —Não?

Ah, claro. Eric é o cara que vê tudo, percebe tudo, sabe tudo.

E usa tudo que vê, percebe ou sabe para me atormentar.

— Olha, se você está tentando me machucar, poupe sua energia. Já conseguiram fazer isso com enorme competência hoje.

Dou meia volta.

Antes que eu saia da sombra da barraca ouço atrás de mim:

— Eles estão juntos desde o verão passado.

Eu paro onde estou.

Eles? Juntos?

O coração vira do avesso. Não pergunto como ele sabe disso, como sabe que Alex está com Laura no quarto, como sabe que choro por causa disso.

Viro-me para ele, vendo-o apagar o cigarro.

— Você é o que, um detetive?

Pela primeira vez Eric sorri. Seu sorriso é como achar algo raro em um lugar improvável.

Sorrindo ele fica menos soturno.

Fica bonito.

Eu volto um passo.

— Como sabe disso?

— A pergunta é: por que *você* não sabe isso?

— Eu perguntei primeiro.

— Eu observo, Bia. É isso que gente que sonha pouco faz. Vemos melhor as coisas quando não estamos no mundo da lua.

Eu faço uma careta antipática para ele. Toda a raiva acumulada por anos de comentários cortantes—como aquele—somada à raiva de ter visto o garoto com quem sonhei durante um ano inteiro com minha amiga se juntam. Dão as mãos.

—Por que não me deixa em paz, Eric? Por que tem sempre um comentário irônico para fazer? Diga-me, o que eu te fiz?

Eu não sou uma adolescente que implica com os outros. Se não simpatizo com alguém, guardo a opinião para mim. Tudo que faço é mergulhar em livros durante os recreios e estudar para um vestibular que se aproxima como um trem-bala.

— Você nunca me fez nada—ele diz amassando o maço com as mãos.

— Por que então me atormenta tanto?

Está ventando e eu luto contra o cabelo que invade as vistas. Com o vento vem um borrião de chuva.

Ele ergue os olhos, e um calafrio toma conta dos braços.

— Quer mesmo saber?

Quero, eu penso.

— Não.

Dou meia volta outra vez, dando três passos em direção à rua. Abraço o corpo me curvando para evitar o chuveiro.

Bem longe da superfície, quase no leito da alma, quero que ele me chame de volta. Quero entender por que ele está sempre implicando comigo, por que me chateia.

Por que burlou as regras de um jogo anos atrás e me roubou um beijo.

Mas Eric não me chama.

Giro nos calcanhais e retorno, irritada. Marcho até ele, que continua apoiado em uma viga com as pernas cruzadas.

— Eu quero saber.

Ele me recebe com um de seus sorrisos infames—um meio sorriso, acompanhado do olhar que vaza pelas mechas de cabelo que invadem o rosto.

— Sente-se, então.

— Aqui? Com você?

Minha surpresa é genuína.

— Eu não mordo.

Pelo modo como seus olhos reluzem, eu não acredito muito.

Olho para o local que ele indica. Para suas pernas compridas que cruzam para me dar espaço. Para o peitoral largo para a idade, que até hoje sempre me causaram medo.

Eu sento.

— Eu conto por que te atormento, mas precisa me responder algumas coisas antes.

— Que coisas?

Ele pausa. Em momento algum deixa de me olhar.

— O que uma menina como você viu em um cara como aquele.

Um cara lindo e perfeito como aquele, eu penso mas não falo. Abraço o joelho, sentindo a tristeza retornar. Curiosamente não mais uma tristeza aguda, apenas uma desilusão vaga e levemente desbotada.

— Eu não sei. Acho que foi janeiro.

Ele aguarda que eu me explique.

— Janeiro chega com expectativas demais, sabe? Sol, férias. E a época em que a cidade muda, que nossa vida muda... Quando eu o conheci, achei que precisava viver doze meses em um.

Eric raspa o *All-Star* rabiscado no chão, concentrado em tirar um chiclete do cimento.

— Ele não merecia você.

— Ele merecia alguém *melhor*.

— Viu? — Eric diz como se tivesse acabado de provar uma teoria.—Se fosse mais conectada à realidade veria que ele *é bem menos* do que você o considerava.

Eu quero pedir que pare, que não fale essas coisas, mas então eu tento ver a situação por outro prisma.

Talvez eu tenha sonhado demais, realmente. Esperado demais dele.

É estranho que justamente Eric me faça ver isso.

— Sério que eles estavam juntos desde o verão passado?

Ele silenciosamente faz que sim.

Exalo, sem saber o que sentir.

Eu deveria estar chorando, mas não quero mais chorar.

Deveria estar com raiva, mas também não estou.

Apoio as mãos atrás do corpo e estico as pernas, satisfeita com o leque novo de sentimentos que se abre em mim. Ao esticar a perna direita o pino de platina que tenho cravado no joelho dói.

— Ai — murmuro.

— É seu joelho?

— É.

Eric se desencosta da pilastra: — Prefere se sentar em uma cadeira? Acho que consigo tirar uma da pilha.

— Está tudo bem. É que há dois anos eu quebrei a perna e tive que coloc—

Paro a explicação, observando-o por um segundo.

Como ele sabe?

— Você sabe sobre a meu joelho?

Ele volta a recostar na pilastra. Seus olhos são de novo um palco vazio.
— Como sabe? — Eu repito.
— Que você quebrou a perna no primeiro ano?
Faço que sim. Isso foi há tanto tempo atrás. Talvez nem Pipa se lembre mais disso.
— Eu presto atenção em você.
Sua resposta vem assim, sem preâmbulos.
Imediatamente sinto uma sensação diferente. Um borbulhar sob a pele, como se eu entrasse em efervescência. *Acho que posso ouvir meu sangue chiar.*
— Presta?
Olho Eric como se o visse pela primeira vez.
Os olhos profundos, a boca bem desenhada, a voz grossa e macia.
Eu quase não consigo fazer a voz passar pela garganta: — Por que?
Ele acha graça na pergunta.
— Por causa disso, eu acho. Você não tem ideia do que acontece ao seu redor.
Nem do quanto é — ele pausa — ...especial.
Eu arregalo os olhos.
Definitivamente, quando comecei a conversar com ele minutos atrás, não esperava um elogio.
Antes que eu pergunte mais sobre isso, ele continua: — Também não tenho ideia de quando tudo começou.
Quebro o contato visual, com medo que ele nos leve a algum lugar. Olho para a praia engolindo a saliva acumulada, lembrando da vez na oitava série em que resolvi dormir de trança pra acordar no outro dia com o cabelo frisado. Não sei bem qual era a graça em acordar com o cabelo daquele jeito, mas lembro que quando tocaram a campainha e eu abri, me deparei com o menino de olhos escuros.
Lembro aborrecida de sua gargalhada, ali, na frente do meu portão.
Profundamente envergonhada e humilhada, bati a porta na sua cara e jurei que nunca mais falaria com ele. Durante meses troquei de calçada quando Eric aparecia no horizonte.
Eu nunca perguntei a ele o que estava fazendo aquele dia no meu portão.
Ele pega uma bala no bolso. Ouço-o desembulhá-la, o som de metal contra os dedos.
— Quer? Ele pergunta ciente de que estou olhando-o com o canto dos olhos.
— Quero.
Ele me estende uma bala. Desembulho-a vendo que ele observa meus ombros, meus braços. Imagino o que ele pode estar pensando sobre mim.
Enquanto enfio o papel da bala no bolso do vestido, tenho um outra memória.
— Você se lembra da vez em que fomos assistir filme na casa de Pipa?—
Pergunto falando engraçado por causa da bala na boca.

Ele faz que sim: —Você e eu nos sentamos juntos.

— Você se lembra do filme?

— Sexta Feira 13... *ad Infinitum*?

Eu rio. — Esse mesmo.

Eu já tinha antipatia por ele na época. O filme era de terror e todas as luzes estavam apagadas. Uma turma de dez ou onze meninos e meninas espalhavam-se pela sala; alguns no chão, outros sentados na frente da TV.

Pipa, eu e Eric no sofá.

Sim, Eric e eu, um do lado do outro.

Eu fiquei consciente daquela proximidade durante o filme inteiro, encolhida entre os dois sem conseguir me levantar e escolher outro lugar. Lembro do seu perfume, algo que trazia à memória banhos mornos e sabonete. O tempo inteiro eu senti seu braço contra o meu, incomodada com a perna que colava à dele.

Pipa saltava sobre mim toda vez que ouvia *'tem alguém ai?'*. Já eu não tinha para onde fugir.

Em algum momento, imersa na carnificina, eu agarrei seu braço.

— Você me tocou—Eric diz como se lesse minhas lembranças em voz alta.

— Você está sendo legal. Eu cravei todas as unhas em seu braço.

Seu sorriso é mesmo uma lua minguante contra o rosto na penumbra. —Sim, você cravou.

— Eu pedi mil vezes desculpas, e avermelhei como um pimentão. Você se lembra do que fez em seguida?

Seu olhar se afia discretamente.

— Eu passei o braço ao redor do seu ombro.

Meu estômago revira, frio, como se abrigasse dezenas de pedras de gelo.

— Lembra do que me disse na ocasião?

Ele faz silenciosamente que sim.

Nos olhamos por algum tempo, sem saber qual dos dois dirá a frase primeiro. Eric tem uma capacidade infinitamente maior que a minha de fazer silêncio.

Solto a frase em voz alta, embora ela chegue à praia vazia mais como um sussurro: —*Eu estou aqui*, você falou no meu ouvido.

Ela não concorda nem discorda.

Passo as mãos pelos braços, tentando abaixar os pelos levantados. *Onde guardei essa lembrança, e por que a guardei tão longe da consciência?*

—Você achou que eu estava sendo sarcástico.

Sim, eu achei.

Por algum tempo nos olhamos. Posso vê-lo revisitar dezenas de interações durante anos, memórias que vão longe no tempo, até o maternal. É estranho que conheçamos algumas pessoas durante toda vida e nunca a notemos.

Como pode uma parte da nossa vida permanecer invisível? Como certas pessoas podem, simultaneamente serem intoleráveis e igualmente atraentes?

Eric sempre esteve ao alcance de um toque, mas eu nunca o enxerguei. Um figurante das minhas histórias, sempre na periferia da visão.

—Se não era sarcasmo, o que era, então?—Minha voz sai falhada.

Ele não responde.

Volto a mexer na sandália, achando estranho que tenho vontade de sorrir. Meu coração está dando um vexame.

—Por que nunca disse nada?

—Você tinha medo de mim.

Eu tento manter a calma e a fluidez da conversa, mas há no meu tom o agudo das justificativas: —Você era sarcástico, às vezes.

Sua resposta também é uma justificativa: —Você nunca me notou.

É verdade, eu nunca o notei.

—Isso explica aquela noite no prédio de Laura.

A noite em que um grupo de cinco meninas e cinco meninos resolveram interromper o pique-esconde para brincar de salada mista. Oito de um lado procurando assento nos balanços e gangorras, dois na frente de todos.

—Pera, uva, maçã ou salada mista?—Pipa diz alto, segurando firme meus olhos enquanto escolhe a vítima.

Quando o menino não era de nosso interesse, ela não mexia os dedos. Quando era, ela os pressionava discretamente, e eu sabia direitinho o que pedir.

Garotos desinteressantes sempre ganhavam pera ou uva—aperto de mão ou abraço. Os interessantes, por outro lado, levavam maçã—beijo no rosto—ou salada mista—beijo na boca.

É claro que alguém como Eric notaria o truque.

Na segunda rodada, vendo que eu escolheria pera na sua vez, ele se rebelou contra o esquema e colou os lábios nos meus.

Foi aquela gritaria, do tipo que só pré-adolescentes conseguem fazer.

Por dias coloquei as mãos na boca sem acreditar no seu atrevimento.

Eric cruza os braços, divertido.

— Sim, explica.

— Você acabou com a noite.

— Eu ganhei a minha.

Não sei porque, mas eu sorrio abertamente. Gosto—muito—que ele tenha acabado de dizer isso, e ele parece tirar enorme prazer no meu sorriso.

A noite, antes sem luz, parece estranhamente mais clara.

Eric olha para o mar e a vastidão acima dele, onde nuvens escondem a lua. Não estamos mais sérios, a lembrança da algazarra no prédio nos eleva a outro patamar. Agora somos cúmplices.

Talvez alguma coisa a mais.

— Por que essa noite? — pergunto.

— Você me pareceu finalmente real.

Não mais cheia de ilusões ou sonhos platônicos ou no mundo da lua. Ali, na praia, vendo a vida como ela é.

— Você está aqui.

Sim. Eu me *sinto* aqui. Não mais ouvindo marchas fúnebres, e sim me abrindo para outros sons. Uma moradora da cidade vazia que nem de longe adormece quando os visitantes partem.

— Obrigada, então.

— Pelo quê?

— Por ter me ajudado a enxergar.

— Enxergar o quê? — ele pergunta sem conseguir sustentar o olhar — O que eu sinto por você?

Algo se acende dentro de mim, como um palito de fósforo correndo uma lixa.
— Não. Por me fazer ver o que eu estava perdendo.

Por um tempo ficamos assim, em silêncio.

Não é mais a traição de Laura ou a ilusão quanto a Alex que ocupam os pensamentos, nem são os meses silenciosos e tranquilos que virão. É interessante como os músculos, os pelos e o coração entendam muito antes o que a mente demora para alcançar.

Eu sorrio sozinha.

Tem certeza, Bia? Eu me pergunto. *Eu tenho.*

— Eu devo algo a você—digo.

— O que?

Eu me viro para ele. Não estamos mais distantes um do outro.

Cruzo as pernas, endireito as costas.

— Pera, uva, maça ou salada mista?

É delicioso vê-lo sorrir.

Vê-lo desencostar da pilastra e esticar a mão até a mim. Achar caminho para os dedos sob meu cabelo e tocar minha nuca.

Eu arrepio e prendo-a ali com a face, sentindo os dedos frios na lateral do rosto.

Seu hálito de framboesa me envolve: — Salada mista, sempre.

Ele afasta as mechas dos ombros, me olhando como se eu fosse a única estrela que brilha na noite.

Seu toque é tão real. Tão certo, agora que eu também sou.

Eu o encontro na metade do caminho.

Salada mista, então. Com gosto de mar, framboesa e cidade vazia.

